

organização de Isabel Loureiro

Herbert Marcuse

A grande recusa hoje

 EDITORA
VOZES

193.5
m322
e.2

© Peter Marcuse

Direitos de publicação em língua portuguesa:
Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25690-900 Petrópolis, RJ
Internet: <http://www.vozes.com.br>
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Capa e projeto gráfico: Mariana Fix e Pedro Fiori Arantes

ISBN 85.326.2270-4

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Herbert Marcuse : a grande recusa hoje / Isabel Loureiro (organizadora) ; tradução de Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1999.

Vários autores.

1. Escola de Frankfurt de Sociologia 2. Marcuse, Herbert, 1898-1979 3. Teoria crítica I. Loureiro, Isabel.

99-4450

CDD-301.01

Índices para catálogo sistemático:

1. Marcuse : Sociologia : Teorias 301.01

Este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda.

Herbert Marcuse/Theodor Adorno

As últimas cartas¹

5 de abril de 1969

Caro Teddy:

Custa-me muitíssimo escrever esta carta, mas tem de ser e é sempre melhor que esconder divergências entre nós. Desde a minha última carta a situação mudou decisivamente para mim: li pela primeira vez relatos mais pormenorizados sobre os acontecimentos em Frankfurt, também ouvi o relato oral de um estudante de Frankfurt que “estava presente”. Evidentemente, tenho consciência da parcialidade em jogo, mas aquilo que é revelado não contradiz em ponto algum o que você me escreve, apenas o completa.

Em suma, acredito que se eu aceitar o convite do Instituto sem falar também com os estudantes, identifico-me com uma posição (ou serei identificado com ela) de que discordo politicamente. Dito brutalmente: se a alternativa for polícia ou estudantes de esquerda, estou com os estudantes – com uma exceção crucial, a saber, se a minha vida for ameaçada ou se for usada violência contra mim e os meus amigos e se a ameaça for sé-

¹ Estas cartas encontram-se no Arquivo Marcuse em Frankfurt com os seguintes números: 1004.67; 0376.06; 0376.07; 0376.08; 0376.09.

ria. Ocupação de salas (exceto a minha casa) sem esse tipo de ameaça violenta não é razão suficiente para chamar a polícia. Eu teria permitido a ocupação e deixado que outro chamasse a polícia. Continuo acreditando que a nossa causa (que não é só nossa) é antes defendida pelos estudantes em revolta que pela polícia, e aqui na Califórnia isso me é demonstrado quase todo dia (e não só na Califórnia). Eu aceitaria até uma perturbação dos *business as usual*, se além disso o conflito fosse suficientemente sério. Você me conhece o suficiente para saber que condeno tão enfaticamente quanto você uma conversão imediata da teoria em prática. Mas acredito que há situações, momentos em que a teoria é impulsionada pela prática – situações e momentos nos quais a teoria que se mantém afastada da prática torna-se ela mesma falsa. Não podemos apagar o fato de que esses estudantes são influenciados por nós (e certamente não menos por você) – fico satisfeito com isso e estou disposto a conformar-me com o assassinato do pai, mesmo que por vezes seja doloroso. E os meios empregados por eles para converterem a teoria em prática? Nós sabemos (e eles sabem) que a situação não é revolucionária, nem sequer pré-revolucionária. Mas essa situação é tão horrível, tão sufocante e degradante que a rebelião contra ela obriga a uma reação biológica, fisiológica: não podemos mais suportar, sufocamos e precisamos de ar. E este ar fresco não é aquele de um “fascismo de esquerda” (*contradictio in adjecto!*), é o ar que nós (pelo menos eu) gostaríamos uma vez também de respirar, e que não é certamente o ar do *establishment*. Eu discuto com os estudantes, ataco-os quando a meu ver são estúpidos e se deixam manipular, mas é provável que eu não pedisse ajuda às piores, às mais horríveis armas contra seus erros. E desesperaria de mim (de nós) se eu (nós) aparecesse do lado de um mundo que apóia ou se cala sobre o genocídio no Vietnã, e que transforma em inferno todos os domínios, exceto o domínio do seu próprio poder opressor.

De volta ao pessoal. Não posso ir a Frankfurt sem discutir também com os estudantes, ouvi-los e dizer-lhes o que tenho a dizer. E como isso não pode acontecer sem reuniões maciças, sem circo – o que para mim é terrível, pois vai contra minha

vontade e contra minha constituição física, mas não considero uma razão para evitar a polêmica. *I can't help it*, embora seja para mim o testemunho (talvez imediato demais?) da lealdade e da gratidão que sinto por vocês. E em virtude dessa lealdade gostaria de ter a sua resposta. A alternativa para mim é: ir a Frankfurt e discutir também com os estudantes, ou não ir. Se você considerar a última melhor – está *perfectly allright with me*, talvez pudéssemos nos encontrar em algum lugar na Suíça, no verão, e esclarecer estas coisas. Melhor ainda se Max e Harbermas pudessem estar conosco. Mas um esclarecimento entre nós é necessário.

Frankfurt am Main, 5 de maio de 1969

Caro Herbert,

Sua carta de 5 de abril, recebida durante minhas curtas férias em Baden-Baden, deixou-me extraordinariamente surpreso e, franqueza contra franqueza –, magoado. Como sei muito bem que a controvérsia entre nós só se resolve oralmente, não gostaria de ficar até lá devendo a resposta.

Antes de mais nada, não entendo como a situação mudou decisivamente para você depois de uma conversa, pois, segundo você confirma expressamente, ela não contradiz em nada minhas informações e não pode conter quase nada de novo. Pelo menos, penso, você deveria ter me comunicado algumas divergências no relato e dado a possibilidade de exprimir-me sobre elas. Parece-me realmente impossível formar um juízo sobre a questão à distância de 600 milhas. Você o fez sem nem sequer me ouvir.

A sugestão de não falar aos estudantes nem mesmo num grande espaço público veio anteriormente de você. Ela correspondia certamente às minhas intenções. Afinal, preciso defender os interesses do Instituto – nosso velho Instituto, Herbert –, e, pode acreditar em mim, esses interesses seriam imediatamente comprometidos por tal circo. A tendência, que se alastra, de cortar as subvenções, se fortaleceria violentamente. Por

isso é melhor que você, se quiser discutir com os estudantes à vontade, que o faça inteiramente por sua própria conta e risco, sem envolver o Instituto ou o Seminário. Acredito poder inferir da sua carta que compreende esta minha reação e que não me guardará rancor por isso.

Para falar no jargão da Oposição Extraparlamentar, não se deve caluniar abstratamente a polícia. Só posso repetir-lhe que ela tratou os estudantes de maneira incomparavelmente mais tolerante que estes a mim. Isto ultrapassou todos os limites. Também sou de opinião diferente da sua no que diz respeito a quando se deve chamar a polícia. Recentemente, o sr. Cohn-Bendit disse-me durante uma discussão numa associação profissional que eu só teria o direito de procurar a polícia se alguém quisesse espancar-me a pauladas; respondi que então talvez fosse tarde demais. O caso da ocupação do Instituto não permitia nenhum comportamento diferente do nosso. Como o Instituto é uma fundação independente e não se encontra sob a proteção da universidade, a responsabilidade por tudo o que aqui acontecesse recairia sobre Friedeburg e sobre mim. Os estudantes tinham a intenção, em vez de participar do Seminário, de “ocupar, de maneira diferente”, o Instituto, como diziam antes; no que isso daria, com pichações e tudo mais, pode-se imaginar. Hoje eu não reagiria de modo diferente do 31 de janeiro. A exigência que os estudantes me lançaram recentemente – fazer autocrítica pública – considero-a puro stalinismo. Isso nada tem a ver com *business as usual*.

Sei que no tocante à relação entre teoria e prática não estamos longe um do outro, embora precisássemos algum dia discutir realmente essa relação (estou justamente trabalhando em teses que se ocupam disso). Também concordaria com você que há momentos nos quais a teoria é impulsionada pela prática. No entanto, hoje nem uma tal situação domina objetivamente, nem o praticismo monótono e brutal, com que em todo caso nos encontramos confrontados aqui, tem qualquer coisa a ver com teoria.

A sua mais forte alegação consiste em dizer que a situação é tão horrível que se deve tentar quebrá-la, mesmo reconhecen-

do ser isso objetivamente impossível. Eu levo o argumento a sério. Mas considero-o falso. Nós, você assim como eu, suportamos outrora uma situação muito mais terrível ainda, o assassinato dos judeus, sem que tivéssemos passado à prática, simplesmente porque nos era vedada. Considero como uma questão de autoconsciência ter claro o elemento da frieza em cada um de nós. Dito asperamente: encaro como um auto-engano que você, em virtude do que ocorre no Vietnã ou em Biafra, não possa mais simplesmente viver sem participar das ações estudantis. Mas se realmente se agir assim, então não se deve protestar apenas contra o horror das bombas de napalm, mas igualmente contra as indescritíveis torturas ao estilo chinês que os vietcongues continuamente praticam. Se não se pensar nisso também, o protesto contra os americanos tem algo de ideológico. Max, com toda razão, dá grande valor precisamente a este ponto. Justamente eu, que afinal deixei a América, devo ter uma certa razão na minha opinião.

Você reclama da expressão de Jürgen “fascismo de esquerda” como *contradictio in adjecto*. No entanto, você é um dialético. Como se não existissem tais *contradictiones*, como se um movimento, em virtude de suas antinomias imanentes, não pudesse transformar-se em seu contrário. Parece-me não haver dúvidas de que o movimento estudantil, na sua atual configuração, e na verdade de imediato, desemboca justamente na tecnocratização da universidade, a qual quer supostamente impedir. Parece-me igualmente inquestionável que atitudes como as que tive de observar, e de cuja descrição poupo a você e a mim, possuem realmente algo daquela violência sem conceito que uma vez pertenceu ao fascismo.

Portanto, respondendo sem equívocos à sua pergunta: se você vier a Frankfurt para discutir com os estudantes que dão provas de uma regressão calculada contra todos nós, então deve fazê-lo por conta própria, não sob nossa égide. A decisão cabe unicamente a você.

Naturalmente seria ótimo se pudéssemos encontrar-nos na Suíça com Max, mas duvido que isso possa realizar-se, pois ficaremos pouco tempo em Basel. Seriam importantes para nós

conversas realmente infundáveis. Para isso, Zermat seria o melhor lugar, pois, apesar de não ter lagos italianos, nem por isso o desencorajou outrora. A propósito, no início de setembro estarei na Itália; por volta dos dias 8 e 9 é certo encontrar-me em Veneza.

Afetuosamente seu
Teddy

Londres, 4 de junho de 1969

Caro Teddy:

Ainda mais urgente que antes sinto a necessidade de falar francamente. *Ergo*:

Sua carta não dá a mais leve indicação que permita diagnosticar as razões da hostilidade dos estudantes contra o Instituto. Você fala sobre os “interesses do Instituto”, exortando enfaticamente: “nosso velho Instituto, Herbert”. Não, Teddy. Não foi nosso velho Instituto que os estudantes invadiram. Você sabe tão bem quanto eu que há uma diferença essencial entre o trabalho do Instituto nos anos 30 e seu trabalho na Alemanha de hoje. Esta diferença qualitativa não provém do desenvolvimento da própria teoria: as “subvenções” que você menciona incidentalmente são realmente tão incidentais? Você sabe que concordamos na recusa de qualquer politização imediata da teoria. Mas a nossa (velha) teoria tem um conteúdo político interno, uma dinâmica política interna que hoje, mais do que nunca, exige uma posição política concreta. Isso não significa dar “conselhos práticos”, como você me atribui na sua entrevista ao *Spiegel*. Nunca fiz isso. Como você, considero irresponsável aconselhar do alto da escrivaninha a ação àqueles que estão dispostos, com plena consciência, a fazerem-se quebrar a cabeça pela sua causa. Mas, a meu ver, isso significa que para continuar a ser nosso “velho Instituto” devemos hoje escrever e agir diferentemente dos anos 30. Até mesmo a incólume teoria não está imune à realidade. Tão falso quanto negar a diferença entre ambas (como você com razão censura aos estudantes) é manter abstratamente a diferença na

sua antiga configuração, quando a realidade na qual teoria e prática se incluem (ou se distanciam) se modifica.

De fato, não se deve “caluniar abstratamente” a polícia. É evidente que em determinadas situações eu também chamaria a polícia. Em relação à universidade (e só em relação a ela) assim o formulei recentemente: “if there is a real threat of physical injury to persons, and of the destruction of material and facilities serving the educational function of the university.” Por outro lado, acredito e repito que, em determinadas situações, a ocupação de prédios e a interrupção de aulas são atos legítimos de protesto político. Exemplo: na Universidade da Califórnia, após a inimaginável e brutal repressão da manifestação de maio em Berkeley.

Talvez o mais importante: não posso descobrir em mim a “frieza em cada um de nós” perante a terrível conjuntura; se for “auto-engano” já deve ter penetrado tanto na carne e no sangue que não é mais frieza. Da mesma forma, não é ao menos possível que justamente a constatação da frieza seja auto-engano e *defense mechanism*? E, de qualquer modo, parece-me desumano que não se deva protestar contra o inferno do imperialismo sem ao mesmo tempo acusar aqueles que, desesperados, se defendem por todos os meios contra esse inferno. Como princípio metódico, transforma-se imediatamente em justificação e desculpa do agressor.

Passemos ao “fascismo de esquerda”: não esqueci evidentemente que há *contradictiones* dialéticas – mas também não esqueci de que nem todas as *contradictiones* são dialéticas – muitas são simplesmente falsas. A esquerda (autêntica) não pode, “em virtude de suas antinomias imanentes”, transformar-se na direita, sem mudar essencialmente sua base social e seu objetivo. No movimento estudantil nada indica uma mudança desse tipo.

Você diz, para introduzir seu conceito de “frieza”, que, por nosso lado, também suportamos o assassinato dos judeus sem passar à prática, “simplesmente porque nos era vedada”. Sim; e hoje, precisamente, ela não nos é vedada. A diferença entre as duas situações é aquela que existe entre fascismo e democracia

burguesa. Esta nos dá também liberdades e direitos. Mas na medida em que a democracia burguesa (em virtude de suas antinomias imanentes) se fecha à transformação qualitativa, e isto através do próprio processo democrático-parlamentar, a oposição extraparlamentar torna-se a única forma de *contestation: civil disobedience*, ação direta. E as formas desta ação não seguem mais o esquema tradicional. Nessas formas, há muitas coisas que condeno, assim como você, mas me conformo com elas e defendo-as contra seus adversários, porque precisamente a defesa e a manutenção do *status quo* e seu custo em vidas humanas são muito mais elevados. Aqui se encontra sem dúvida a mais profunda divergência entre nós. É para mim simplesmente impossível falar dos “chineses no Reno” enquanto os americanos estiverem no Reno.

É certo que tudo isto requer “conversas infundáveis”. Não compreendo por que só Zermatt seria o “melhor lugar” para tal. Um lugar de mais fácil acesso para todos os participantes parece-me no campo do possível. De 16 de agosto a 11 de setembro estaremos na Suíça; de 4 de julho a 14 de agosto na casa de Madame Bravais Turenne, 06 Cabris, França.

Afetuosamente seu
Herbert

Frankfurt am Main, 19 de junho de 1969

Caro Herbert,

Muitíssimo obrigado pelas duas cartas. Respondo da melhor maneira que posso, embora me encontre – sem nenhum motivo psicológico – numa fase de extrema depressão, que não favorece exatamente minha capacidade de expressão. Por isso, antes de qualquer outro, meu pedido de indulgência, também por causa de repetições. Para que você conheça a atmosfera, comunico-lhe que minha aula foi interrompida uma segunda vez, só que agora sem qualquer pretexto.

Diz você que minha carta não indica as razões da hostilidade dos estudantes contra o Instituto. Tais razões inexistiam até

a ocupação. Esta foi empreendida levando-se em conta a circunstância de que seríamos coagidos a chamar a polícia. Em virtude do fraco interesse dos estudantes pelo movimento de protesto era o único meio de se conseguir algo como uma solidariedade. Krahl calculou isso muito corretamente. No nosso lugar, você não teria podido agir de outra maneira; o caso que você menciona, "if there is a real threat of physical injury to persons, and of the destruction of material and facilities serving the educational function of the university", estava imediatamente dado. O que você chama de hostilidade contra o Instituto provém unicamente de termos reagido de acordo com a ocasião.

Você nega que o Instituto seja "nosso velho Instituto". Que ele não possa ser idêntico ao de Nova York, é evidente. Outrossim, havia a possibilidade de reunir no Instituto uma grande quantidade de pesquisadores mais ou menos amadurecidos, dos quais a maioria há muito tempo trabalhava junto; aqui precisamos primeiro formar o próprio conjunto dos colaboradores. As subvenções públicas influenciaram a linha do trabalho quando tivemos de fazer pesquisas empíricas; mas afinal *Autoridade e família* ficou pronto na emigração e a *Personalidade autoritária* foi totalmente produzida lá. Não creio que precisemos nos envergonhar das coisas empíricas que fizemos, por exemplo a pesquisa de grupo com os estudos metodológicos subseqüentes, o volume *Estudante e política*, o livro agora em preparação sobre a escala de autoritarismo alemã ou o grande estudo sobre o *Nationaldemokratische Partei Deutschlands*. Você não encontrará em todas essas obras a mínima consideração pelos financiadores. Você não poderia objetar, nem a Jürgen (que embora não sendo oficialmente diretor, *de facto* pertence inteiramente ao Instituto), nem a mim, que nesses estudos tivéssemos negligenciado o interesse teórico [um parágrafo manuscrito ilegível à margem]. A lista de livros contém também toda uma série de coisas teóricas, não só o livro conjunto de Max e meu, mas também algo como o livro sobre Marx de Alfred Schmidt, o livro sobre Comte e Hegel de Negt, que pertence à Oposição Extraparlamentar, e o escrito de Bergmann contra Talcott Parsons. Dos meus livros já não falo

nada. Quero dizer, quando temos presentes as dificuldades com que tivemos de lutar, o Instituto, assim como nós, durante toda a vida e ainda hoje, o resultado é aceitável. Que alguma coisa *não* seja realizada por alguém é uma objeção válida para tudo e para todos e, por isso mesmo, não é convincente.

O ponto central da nossa controvérsia já era claro em Crans. Na sua opinião, a prática hoje, em sentido enfático, não nos seria vedada; a esse respeito, penso de maneira diferente. Eu deveria negar tudo o que pensei e sei sobre a tendência objetiva se quisesse acreditar que o movimento de protesto dos estudantes alemães tem qualquer probabilidade de atuar eficazmente na sociedade. Mas, como não pode, a sua atuação é discutível de dois pontos de vista. Por um lado, porque, sem nem sequer se preocupar com isso, atíça o potencial fascista, que na Alemanha não diminuiu; mas, ao incubar em si mesmo essas tendências – e também nisto não concordamos – elas convergem imediatamente para o fascismo. Como sintoma dessas tendências, indico a técnica de, convocando para discutir, tornar qualquer discussão impossível; a bárbara desumanidade de um comportamento regressivo que ainda por cima confunde regressão com revolução; o cego primado da ação; o formalismo, que se torna indiferente ao conteúdo e à forma daquilo contra o que se revoltam, a saber, a nossa teoria. Aqui em Frankfurt, e certamente também em Berlim, a palavra catedrático é utilizada de cima para, sem distinções, depreciar homens ou, como eles tão lindamente dizem, “acabar com alguém” (*“fertig zu machen”*), de forma muito semelhante ao que faziam os nazistas no seu tempo com a palavra judeu. Ainda há pouco, encarava como um aglomerado de fenômenos secundários o conjunto daquilo com que precisamente durante os últimos dois meses me via constantemente confrontado. O todo forma, para empregar novamente uma antiga palavra que ridicularizávamos em comum, uma síndrome. Dialética quer dizer, entre outras coisas, que os fins não são indiferentes aos meios; o que acontece aqui mostra em detalhes como o apego burocrático a regulamentos, “obrigações”, a inúmeros grêmios e similares, adquire drasticamente os traços daquela tecnocratiza-

ção, à qual querem supostamente se opor e contra a qual *nós*, de fato, nos opomos. Levo muito mais a sério do que você o perigo da transformação do movimento estudantil em fascismo. Depois que em Frankfurt vaiaram o embaixador de Israel, não ajuda nada afirmar que isso não teria ocorrido por anti-semitismo, nem por causa da convocação de algum membro israelita da Oposição Extraparlamentar. Não é preciso de forma alguma esperar primeiro pelos chineses no Reno. Você deveria olhar uma só vez nos olhos maniacamente apáticos daqueles que, porventura referindo-se a nós mesmos, voltam sua fúria contra nós. Posso dificilmente imaginar que você tenha pensado nesse tipo de dessublimação, embora já para mim o sucedâneo da Nona Sinfonia por meio do *jazz* ou do *beat*, a escória da indústria cultural, não seja precisamente aceitável. Mas com isso chego à camada sobre a qual deveríamos falar, não escrever.

Isso não poderia acontecer em Zermatt? No estado em que me encontro, e Deus sabe que não exagerarei, ser-me-ia fisicamente insuportável, durante as poucas semanas em que procuro penosamente reproduzir-me, ir para o calor, quer a Itália, quer a zona do Föhn [vento seco e quente que sopra dos Alpes]. Não nos deveria bastar, como água, as fontes murmurantes com a inscrição: *Domine, conserva nos in pace?*

Portanto, estaremos aqui até 21 de julho, depois subimos; por favor, não demore a dar notícias.

Afetuosamente seu
Teddy

Herbert Marcuse
chez Madame Bravais-Turenne
06 - Cabris, FRANCE

21 de julho de 1969

Caro Teddy,
Sua carta de 17 de junho chegou após nosso retorno da Itália. A bem da verdade, achei muito divertida a discussão com

Cohn-Bendit, não só porque consegui fazer calar seu coro e terminar minha conferência como planejado (as notícias dos jornais italianos sobre esse incidente mostraram que Cohn-Bendit e seus métodos estão totalmente isolados do núcleo do movimento estudantil. O mesmo dizem os meus amigos de Berlim.

Com isso chego ao que você chama o “ponto central da nossa controvérsia”. Acredito com efeito que o movimento estudantil pode “atuar eficazmente na sociedade”. A esse respeito, penso sobretudo nos Estados Unidos, mas também na França (minha estada em Paris confirmou-o novamente) e na América do Sul. Evidentemente, as ocasiões desencadeadoras do processo são muito diferentes, mas, em contraposição a Habermas, parece-me existir, através de todas as diferenças, o mesmo objetivo enquanto força-motriz. E esse objetivo é o protesto contra o capitalismo, indo até às raízes da existência, contra seus cúmplices no Terceiro Mundo, contra sua cultura, sua moral. Naturalmente, nunca afirmei o absurdo que o próprio movimento estudantil seria revolucionário. Mas hoje é o mais forte e talvez o único catalisador para a decadência interna do sistema de dominação. O movimento estudantil nos Estados Unidos atuou de fato eficazmente como um catalisador desse tipo no desenvolvimento da consciência política, na ativação dos guetos, no afastamento radical do sistema de camadas até agora integradas e, o que é particularmente importante, na mobilização de círculos cada vez mais amplos da esfera pública contra o imperialismo (não vejo realmente razão alguma para sermos alérgicos à utilização deste conceito) americano. Pode não ser muito, porém não existe situação revolucionária alguma nos países industriais desenvolvidos e o grau de integração [a que se chegou] define precisamente formas novas e fortemente não-ortodoxas de oposição radical. Como quase sempre acontece, os dominantes têm uma avaliação mais exata do significado da oposição estudantil do que ela mesma: nos Estados Unidos a repressão é rapidamente organizada contra as escolas e universidades – onde a cooptação não ajuda, ajuda a polícia.

Este movimento estudantil está hoje na busca desesperada de uma teoria e de uma prática, de formas de organização que possam corresponder à sociedade capitalista tardia e contradizê-la. Ele está internamente dilacerado, impregnado de provocadores ou de gente que impulsiona objetivamente a causa da provocação. Muitas ações em Frankfurt e Hamburgo, que me foram descritas, acho-as tão condenáveis quanto você. Em público, combati bastante a palavra de ordem de destruição da universidade como ação suicida. Acredito que nossa tarefa, precisamente nessa situação, é ajudar o movimento tanto teoricamente quanto na sua defesa contra a repressão e as acusações.

Minha pergunta sobre se o atual Instituto ainda é realmente o velho Instituto não se refere de modo algum às publicações e sim à abstinência de uma tomada de posição política. Repito: não reprimi de maneira nenhuma o conceito de mediação, mas há situações nas quais ele se manifesta justamente na concretude. O grande trabalho do Instituto, de fato um trabalho histórico, exige, de acordo com sua própria dinâmica, uma tomada de posição clara contra o imperialismo americano e pela luta de libertação no Vietnã, e certamente não há que falar dos “chineses no Reno” enquanto o capitalismo tiver a prioridade da exploração. Já em 1965 eu ouvia falar na Alemanha da identificação do Instituto com a política americana.

Passemos agora à parte mais desagradável da minha carta. Vejo por acaso no *Spiegel* que também Max se associou ao coro dos meus adversários. Evitei com muitíssimo custo trazer a público nossas divergências. Agora preciso responder publicamente. Que Max no seu ataque reclame a propriedade privada de idéias que foram trabalhadas em discussões conjuntas, parece-me apenas estranho; que esses pensamentos tenham-se tornado na minha obra “mais grosseiros e mais simples”, aceito de bom grado. Acredito que essa grosseria e essa simplificação fizeram com que a substância radical desses pensamentos, quase irreconhecível, se tornasse novamente visível. Mais: Habermas cita do prefácio (que não me foi enviado) à nova edição dos ensaios dos anos 30 a seguinte frase: “A diferença refere-se à relação com a violência que, impotente, convém ao adversário”.

rio. Falando francamente, a discutível democracia, apesar de todas as falhas, ainda é melhor que a ditadura, que poderia ser hoje conseqüência de uma revolução. A bem da verdade, isso precisa ser dito”. Pode realmente o Horkheimer dos anos 30 escrever tão sem dialética, tão sem teoria? A frase parece antes de mais nada apenas uma formulação trivial do *lesser evil*. Mas será isso mesmo? A “democracia” é isolada, impermeabilizada contra seu conteúdo real: a forma de dominação do capitalismo tardio. O isolamento permite reprimir a pergunta: “melhor” *para quem?* Para o Vietnã? Biafra? Os homens escravizados na América do Sul, nos guetos? O sistema é global, e é a democracia que, com todas as suas falhas, também pratica, paga, arma o neocolonialismo e o neofascismo e impede a libertação. Duplo isolamento: o neofascismo e essa democracia não são alternativas: *essa* democracia, enquanto democracia capitalista, de acordo com sua dinâmica inerente, impele para um regime de força? E por que a revolução *deve* ter como conseqüência uma ditadura, pior que aquilo que existe? Não é precisamente a preocupação do atual movimento de protesto, em particular do movimento estudantil, *impedir* esse tipo de desenvolvimento? E deve-se de antemão denunciar esse movimento como “violência impotente” – contudo, é mais do que discutível que se possa aqui em sã consciência falar de violência – comparada com aquela de que dispõem os dominantes? O que “convém” mais ao adversário: a afirmação autoritária da impotência deste movimento, ou o fortalecimento do movimento? Os estudantes sabem muito bem os limites objetivos do seu protesto – eles não precisam de nós para torná-los claros, mas talvez precisem de nós para ajudá-los a vencer esses limites. A violência, os *practicioners of violence* estão do outro lado, no campo do adversário, e deveríamos nos guardar de tomar suas categorias e apreender com elas o movimento de protesto. E a ditadura *após* a revolução? Deveríamos ter a coragem teórica de não identificar a violência da libertação com a violência da opressão sob a categoria geral de ditadura. Por monstruoso que seja, o camponês vietnamita fuzilando o fazendeiro que por déca-

das o torturou e explorou não faz o mesmo que o fazendeiro fuzilando o escravo rebelde.

Deve-se naturalmente defender as instituições democrático-parlamentares onde ainda funcionam a favor das liberdades e contra o recrudescimento da repressão. Mas elas não são demolidas pela ação dos estudantes e sim pela classe dominante. Nos Estados Unidos, as *state legislatures* são hoje um centro de repressão intensiva e a nova nomeação da Suprema Corte por Nixon mostra a direção em que a política se move.

Estas são algumas das coisas que deveríamos discutir. Talvez ainda seja possível. Afinal há um trem direto de Zermatt a Pontresina (o magnífico Glacier Express) e de Pontresina a Zermatt é exatamente a mesma distância que de Zermatt a Pontresina. Espero em meados de agosto encontrar Habermas em Zurique. Estaremos aqui até 14 de agosto: nadar diariamente no Mediterrâneo mais a cozinha francesa ajudam a reprodução espiritual e corporal.

Afetuosamente vosso
Herbert

6 de agosto de 1969

Adorno morre, vítima de um ataque cardíaco, em Visp, Suíça.

Reflexões sobre Theodor Adorno¹

Marcuse: Preciso lembrar Adorno aqui e agora porque, justamente nos últimos tempos, ficaram conhecidas divergências entre nós que de diferentes maneiras – quer com boas, quer com más intenções –, foram deturpadas. Essas divergências – e isso deve ser dito logo – nasceram tendo por base uma comunhão e uma solidariedade que não se enfraqueceram de forma alguma.

Em que consiste hoje para o senhor a posição particular de Adorno? Onde está a solidariedade?

A solidariedade está ali onde a bem dizer sempre esteve, a saber, na radicalidade do pensamento. Acredito não haver ninguém que se defrontasse tão radicalmente com a sociedade existente quanto Adorno, que a tenha conhecido e reconhecido tão radicalmente. Seu pensamento era tão sem concessões, que ele próprio podia se permitir ter sucesso nesta sociedade. Esse sucesso não contaminou nem comprometeu de maneira alguma seu pensamento. Fala-se às vezes de formas comprometedoras do seu comportamento. Penso que se deve dizer o

¹ Entrevista feita por Michaela Seiffe logo após a morte de Adorno, quando Marcuse ainda estava em Cabris, no sul da França, passando férias. O texto se encontra no Arquivo Marcuse de Frankfurt com o n. 0376.01.

mesmo sobre essas formas. Elas não atentaram minimamente contra a sua radicalidade. Vejo aí a manutenção consciente de formas de uma cultura passada e talvez, é verdade, proteção contra a familiaridade importuna, brutal, falsamente igualitária da ordem estabelecida; de qualquer modo um *pathos* da distância, formas de cortesia que talvez expressem também medo de sentir uma grande compaixão por aquilo que foi feito aos homens, compaixão que talvez pudesse prejudicar a necessária brutalidade da crítica. A mim, contudo, essas formas aristocráticas de seu comportamento sempre foram particularmente caras.

Voltemos à radicalidade. Adorno defrontava-se radicalmente com a sociedade existente, era certamente um de seus críticos mais íntegros, mas a sua radicalidade permanecia puramente teórica, não visando transformar-se em realidade, não é mesmo? Não havia aí uma discrepância entre teoria e prática?

Acredito que o horror à ordem estabelecida havia-lhe penetrado tanto no cérebro e nos membros que, para ele, viver e pensar era uma coisa só. Durante a vida aspirou a formas em que o horror à ordem estabelecida pudesse tornar-se realmente visível e comunicável. Adorno encontrava-se numa situação em que a sociedade existente tinha conseguido sufocar e manipular num tal grau a consciência, manipular de tal maneira as próprias necessidades, que as formas tradicionais de comunicação e, particularmente, as formas tradicionais de transformação do pensamento crítico em prática evidentemente não pareciam mais possíveis. E sua resposta era uma retirada, uma retirada temporária para – digo isso com tranquilidade – o pensamento puro (e com pensamento puro estou pensando em pensamento sem concessões), mas apenas para pouco a pouco, e tão eficazmente quanto possível, desenvolver novamente a consciência das mudanças necessárias e, assim, preparar a mudança necessária.

Sim, mas nos últimos tempos, de maneira muito decidida, não se fechou ele a toda e qualquer prática e com argumentos totalmente dife-

rentes, por exemplo, quando dizia que a tarefa da teoria crítica seria reconhecer e apontar as anomalias sociais, mas sem transformar o conhecimento em realidade, ou seja, sem tirar conseqüências práticas?

Sempre entendi essa explicação da seguinte maneira: que na situação dada não é tarefa da teoria crítica transformar-se imediatamente em prática. Isso quer dizer que, se existe uma separação entre teoria e prática, não é certamente obra de Adorno, mas obra ou – digo-o tranqüilamente – culpa da realidade, à qual Adorno apenas reagiu, sobre a qual ele apenas refletiu.

E a realidade já não admite nenhuma prática?

Eu não diria isso. Esta é uma das diferenças entre nós, mas para esclarecê-la preciso primeiro dizer o que na verdade tenho em mente ao falar em culpa da realidade. Penso que o capitalismo tardio desenvolveu formas de repressão que parecem tornar impossível a prática transformadora tradicional segundo a teoria marxista. Estou pensando aqui particularmente na integração de amplas camadas da população, em particular na integração da classe trabalhadora ao sistema capitalista existente nos países capitalistas avançados. Isso quer dizer, evidentemente, que o sujeito histórico, o sujeito social da revolução não estava mais ali, ou deixara de ser ativo ou ainda não era ativo. Nesse sentido, Adorno era marxista ortodoxo. Sem uma base de massa nas classes exploradas a revolução é impensável. E como na situação dada, precisamente nos países capitalistas avançados, esta base de massas não era visível, ele, por assim dizer, adiou a transformação da teoria em prática. Ele sempre procurou as mediações que, sem abandonar nem trair a possibilidade de uma tal transformação, poderiam ao menos preparar a transformação da teoria em prática.

Contudo, existem outras divergências. Penso na avaliação histórica diversa da função do movimento estudantil.

Essas diferentes avaliações do movimento estudantil pertencem ao mesmo contexto do problema: teoria é prática. Antes de mais nada é preciso repetir: desde o início Adorno fi-

cou do lado do movimento estudantil, que, pelo menos na Alemanha, é impensável sem a sua obra. E o movimento estudantil não deveria esquecer que é um movimento intelectual, e que vive da teoria, mesmo quando caçoa da teoria. Porém, Adorno não via no movimento estudantil – e são suas próprias palavras – uma força que mudasse a sociedade, e precisamente por isso ele rejeitou o que chamava de ativismo. Na sua opinião, ações sem qualquer base social não podem igualmente ter força social, não são expressão de esperança, mas de desespero, e podem facilmente tornar-se um brinquedo nas mãos do inimigo. Existem ações, no quadro atual da oposição, que simplesmente nada têm que ver com política de esquerda, formas degeneradas que considero repugnantes, tal como Adorno. Fazem parte disso, por exemplo, a destruição leviana de livros, assim como o emprego de violência contra pessoas não violentas. Isto nada tem que ver com política radical. É de fato uma degenerescência que condeno, tanto quanto Adorno.

Senhor Marcuse, a maioria dos necrológios que apareceram na imprensa logo depois da morte de Adorno puseram entre parênteses que ele era marxista. Como o senhor vê a relação de Adorno com a crítica social marxista?

Sim, preciso dizer que esses parênteses também me surpreenderam – a bem dizer, não só me surpreenderam, como também me causaram a maior estranheza. Eu vejo em Adorno um dos pouquíssimos que levaram adiante a teoria marxista nas suas mais profundas intenções. Através da obra dele, a dinâmica da sociedade capitalista e sua negação tornaram-se visíveis em todos os domínios da cultura. Uma análise tecnicamente completa e exata de uma obra mostra a própria sociedade nos domínios mais abstratos e sublimes da cultura intelectual. Um quarteto de Schönberg, por exemplo, uma passagem da *Crítica da razão pura* de Kant, mas também um gesto quotidiano – o que quer que seja – são submetidos a uma análise crítica, levada até o ponto em que a própria obra, o quarteto, o texto, o gesto, revelam de que maneira essas manifestações estão ligadas à es-

trutura da sociedade capitalista e de sua possível negação. Não conheço ninguém que tenha levado adiante desta maneira uma análise marxista da cultura e que tenha tido esse sucesso. Para ele o resultado da análise era: assim não dá para continuar, mas continua. E na medida em que continua a tarefa da teoria crítica, a tarefa da teoria marxista é precisamente continuar a pensar, pensar radicalmente e comunicar a outros essa radicalidade do pensamento. Ora, permanece a questão de saber se e em que medida o estilo de Adorno não dissimula esse fim e em que medida sua distância da prática não é perpetuada através desse estilo. Foi dito freqüentemente e eu mesmo afirmei que a teoria crítica hoje deve ser exposta em formas muito mais grosseiras e muito mais simplificadas para que o conteúdo radical possa ser realmente comunicado, para que o conteúdo radical não seja indevidamente sublimado. Sei que neste ponto Adorno não concordava comigo. Ele sempre acreditou – e parece que continua tendo razão – que a substância da sua obra não pode ser separada da forma na qual é apresentada. Sua linguagem é movida pelo medo de cair na reificação, o mesmo medo já antes mencionado de se tornar muito rápida e facilmente íntima e familiar e, assim, ser mal compreendida. Confesso que as frases de Adorno às vezes me deixaram enraivecido, às vezes furioso, mas creio que devem ser assim. E penso que não preciso me envergonhar por isso.

Como será doravante sem a discussão com Adorno?

Não posso nem imaginar como será daqui por diante sem discutir com Theodor W. Adorno. Em todo caso, as divergências entre nós perderam a razão de ser, no sentido de que não há ninguém que possa substituí-lo e falar por ele. O que tenho a agradecer-lhe é realmente muitíssimo, e não posso imaginar continuar vivendo sem sua obra. Mas isso quer dizer que o debate com essa obra ainda virá, ainda deve vir, que ele nem sequer começou.